

UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO PSICANALÍTICA SOBRE LIVROS ESCRITOS POR MULHERES: ENTRELAÇANDO PSICANÁLISE E LITERATURA

Júlia Reis da Silva Mendonça¹
Daiana Macharet Soares²

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o entrelaçamento entre psicanálise e literatura a partir da investigação psicanalítica acerca de livros escritos por mulheres. A psicanálise, tanto com Sigmund Freud quanto com Jacques Lacan, defende que a linguagem, através da fala e da escrita, possibilita elaborações simbólicas frente ao real.

Freud, ao longo da sua obra, apoia-se em diversos textos literários — Dostoiévski, Shakespeare, E. T. A. Hoffman, Dante, entre outros — para demonstrar o quanto as experiências subjetivas singulares descritas pelos autores nos ensinam acerca do universal.

Os artistas e poetas antecedem a psicanálise e abrem caminhos na clínica psicanalítica. A arte e a escrita atenuam o sofrimento psíquico e funcionam como modos de elaboração psíquica e, ainda, como modos de estabilização diante de estruturas psicóticas, conforme assinala Lacan ao retomar a obra literária de James Joyce, que serve como base para pensar a clínica borromeana.

Já em Freud, destaca-se, além do recurso a contos da literatura, a retomada de mitos que auxiliaram a psicanálise a pensar não somente sobre os aspectos singulares, mas, também, para situar o sujeito na ordem simbólica e no laço social.

Dessa forma, a retomada do mito da horda primeva de Darwin, proposto por Freud no texto *Totem e tabu*, e do mito do Édipo Rei, reenviam os sujeitos ao começo da história originária da humanidade e evidenciam a conexão entre o indivíduo e a sociedade. Freud se utiliza desses mitos para propor o complexo de Édipo como um evento universal, comum a todos, no início da infância: a paixão do menino pela mãe e o ciúme/rivalidade pelo pai.

O complexo de Édipo é, assim, a matriz simbólica do laço social e organizador da subjetividade, da identificação, da sexualidade e do desejo. Da mesma forma, a retomada dos mitos possibilita que Freud articule a ordenação simbólica a partir da inscrição do significante do Nome-do-Pai (ou do Pai simbólico) na estrutura, que opera com a interdição do incesto.

¹ Doutora em Psicologia (UFMG). Mestre em Psicanálise (UERJ). Pós-graduada em Psicopedagogia (UERJ) e em Psicologia Hospitalar e da Saúde (UCAM). Psicóloga. Psicanalista. Professora do SEPAI e do Instituto ESPE.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3734634648624758> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1011-1017>

² Psicóloga. Psicanalista. Pós-Graduada em Fundamentos da Clínica Psicanalítica (FAMATH) e em Transtornos Alimentares, Psicanálise e Cultura (ESPE).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3186486945875512> ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7567-1973>

Com base na articulação freudiana entre psicanálise e literatura, o presente trabalho pretende investigar fragmentos de livros escritos por mulheres: *A filha perdida*, de Elena Ferrante, *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei e *Tudo é Rio*, da escritora Carla Madeira. Nos referidos livros, pretende-se destacar e desenvolver alguns conceitos psicanalíticos presentes, tais como: o processo do luto, a sexualidade feminina, a relação mãe-filha, o complexo de Édipo, a escolha do objeto amoroso e o desamparo.

2 FREUD: MITOS E CONTOS

Freud recorreu a contos literários e a diversos mitos com o objetivo de destacar o que há de universal nessas histórias singulares. Com os mitos, o autor assinala os aspectos inconscientes presentes na história de cada um e os aspectos fundantes da ordem simbólica e do laço social.

Para a compreensão do sujeito para a psicanálise — sujeito dividido entre consciente e inconsciente —, Freud recorre a dois mitos fundamentais que concernem à função do Pai. O Pai simbólico, ou o Nome-do-Pai, termo introduzido por Lacan, é o significante que permite a entrada do sujeito no mundo simbólico ao colocar a castração e a interdição para a criança e sua mãe.

Segundo Mendonça (2011), Freud apresenta o conceito de pai em sua obra em dois níveis principais: o pai totêmico, gozador (Freud, 1912-13/1996) e o pai do complexo de Édipo (Freud, 1924/1996).

No texto *Totem e tabu*, Freud (1912-1913/1996) retoma o mito de Darwin sobre a origem da civilização, o mito da horda primeva, para falar de um pai soberano, gozador, que interditava aos outros machos da tribo o acesso às mulheres e os expulsava quando eles se opunham à sua proibição. Contudo, em algum momento, os filhos expulsos ao se unirem para assassinar o pai e, ao cometerem o parricídio, colocaram fim a horda patriarcal e o devoraram para adquirir sua força. Ritual este que se repetia posteriormente nos banquetes totêmicos.

Ao matar o pai, surge o sentimento de culpa e a necessidade de reparação através da representação deste através do totem. Desse modo, Freud acrescenta que foi necessário que houvesse um pacto (simbólico) entre os irmãos para organizar a sociedade e o acesso às mulheres, que antes eram todas do pai. Nesse pacto se construiu o totemismo e os tabus, que funcionavam como representantes da lei do pai, da exogamia e do incesto, regulando as restrições morais necessárias à vida civilizada. Assim,

O poder do pai, que era exercido conforme seu desejo é substituído pelo poder da comunidade. Nesse sentido, o pai devastador primitivo se transforma no pai simbólico que dita os códigos da lei moral e que funciona como aquele que reforça as exigências do supereu, por meio do cumprimento dos mandamentos e das regras sociais (Mendonça, 2011, p. 244-245).

Então, é através desse mito literário que Freud consegue explicar a mudança de um pai tirano em um pai simbólico, que marca a construção de um código moral, de uma lei, que organiza os cumprimentos das regras sociais fundamentais para uma vida em comunidade. Isso mostra o quanto a literatura é um recurso importante

para compreender questões subjetivas, e auxiliam na investigação própria da clínica psicanalítica: da psique, ou do inconsciente, que emerge como uma instância psíquica determinante nas formações sintomáticas.

Para descrever o pai simbólico, que permite a inscrição da lei e a constituição do sujeito como dividido, Freud recorre ao mito grego de Édipo. O mito conta a história do rei de Tebas, Laio, casado com Jocasta, que foi comunicado pelo Oráculo de Delfos com uma profecia de que no futuro ele seria assassinado pelo próprio filho e que este se casaria com a própria mãe. Com medo de que isso acontecesse, o rei Laio manda um servo matar seu filho, mas este, penalizado, resolve abandonar a criança, pendurada pelo pé em uma árvore. Porém, a criança foi salva por um pastor de rebanho e adotada pelo rei e pela rainha de Corinto. Após alguns anos, Édipo consulta o Oráculo e recebe a mesma mensagem que Laio havia escutado, que assassinaria seu pai e desposaria sua mãe. Acreditando que seus pais eram os reis de Corinto, ele resolve fugir da cidade, mas é aí que encontra seu destino: no meio do caminho se depara com um bando de viajantes e acaba discutindo com o líder deles — Laio — e o mata. Ao continuar seu caminho, chega a Tebas e a cidade está sendo assolada pela Esfinge, e quem decifrasse seu enigma e livrasse a cidade desse monstro ganharia o trono e se casaria com a viúva do rei, Jocasta. Assim, ao decifrar o enigma, Édipo desposa Jocasta e com ela tem quatro filhos. Anos depois, uma praga domina Tebas, e, ao consultar o Oráculo, Édipo escuta que a cidade somente se livrará dessa praga quando for descoberto quem assassinou o antigo rei de Tebas, Laio. Depois de muito insistir junto a Tirésias para que este lhe revelasse quem assassinou Laio, Édipo acaba se deparando com sua própria tragédia: a de que havia matado o próprio pai e desposado sua mãe. Ao descobrir a verdade, Édipo fura os próprios olhos e se exila, e Jocasta se suicida.

Através dessa mitologia grega escrita por Sófocles, Freud demonstra que nossa história individual é marcada por uma relação edípica na tríade pai, mãe e filho, em que ocorre um desejo incestuoso do filho pela mãe e uma rivalidade com o pai. A interferência paterna na relação mãe-filho será cercada de ódio pela criança. O complexo de Édipo é central na teoria freudiana para o entendimento do desenvolvimento sexual infantil.

No artigo “O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud”, Teixeira (2005) pontua que Freud tem uma relação muito especial com a literatura, pois os mitos, lendas e contos acabam funcionando como uma fonte que produz interrogações sobre a relação entre o simbólico e o social. Segundo a autora, o mito não é algo imaginário e sim tem uma narração imaginativa, que permite que o sujeito seja reenviado ao começo da história originária da humanidade, ou seja, o mito tem uma força literária motriz.

3 ENTRELAÇANDO PSICANÁLISE E LITERATURA

A articulação entre psicanálise e literatura operou como força motriz para a construção de um projeto intitulado *Clube do livro: leituras no divã*, cujo objetivo é discutir livros de literatura escritos por mulheres entrelaçando com a teoria psicanalítica. O evento literário acontece na plataforma digital do Instagram uma vez por mês, gratuitamente, contando assim com a interação daqueles que se

interessam pelo tema, sendo estes movidos pelo desejo a partir do que a leitura provoca em cada um.

As ferramentas teóricas e clínicas oferecidas pela psicanálise permitem um olhar investigativo, crítico e reflexivo sobre o texto literário, possibilitando não só a interpretação do que está escrito, mas também um olhar para além do texto, para os sentidos ocultos e enigmáticos, ou inconscientes.

No artigo “A questão da análise leiga”, Freud (1926/1996) assinala que a literatura é fundamental para a formação do analista. Desse modo, a discussão dos livros propostos pelo Clube do livro — como *A filha perdida*, de Elena Ferrante, *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei e *Tudo é Rio*, de Carla Madeira — permitem conhecer um pouco mais sobre a subjetividade, as apresentações sintomáticas e sobre as relações dos sujeitos com os objetos, com seu próprio corpo e com os outros.

No livro *A filha perdida*, Elena Ferrante conta a história de Leda, uma professora universitária de meia idade, divorciada, que está passando férias no litoral da Itália. A obra mostra o quanto a personagem acaba revivendo algumas memórias do seu passado, como o fim do seu casamento, seu romance com um professor e a relação com suas duas filhas. Leda, ao se deparar com uma família barulhenta na praia, é tomada tanto por sentimentos de repulsa como de fascínio e, a partir desse encontro, será invadida por lembranças da juventude. Ela observa o clã familiar e se identifica com a jovem mãe Nina e sua filha pequena, Elena. Chama a atenção da personagem a relação carinhosa entre mãe e filha e a relação de afeto que Elena tem com a boneca. Essa cena vai desencadear na protagonista lembranças dolorosas e conflitantes entre suas filhas e dela com sua própria mãe.

Fazendo uma articulação do livro de Elena Ferrante com a teoria freudiana, podemos perceber que a relação mãe-filha é permeada de amor e ódio, como nos revela Freud (1931/1996) em seu texto *Sexualidade feminina*, no qual diz que, na fase do complexo de Édipo, a criança tem uma relação de amor em relação ao genitor do sexo oposto e uma relação hostil com o genitor do mesmo sexo. Para Freud, a relação entre mãe e filha é uma fase de ligação íntima e dependente, fundamental para a formação singular da feminilidade. O escritor e psicanalista Nasio (2007) comenta que a menina, no período edípico, ao se deparar com a privação do falo e constatar que nunca terá o pênis, acaba se sentindo enganada pela mãe e ressentida por ela tê-la privado do falo, o que gera nas meninas o *penisneid*, ou seja, a inveja do pênis. O Édipo é, portanto, o ponto de partida para situar onde o sujeito se identifica na partilha sexual.

Outro fator interessante que encontramos no livro *A filha perdida* é a cena em que Elena, filha de Nina, está brincando com a boneca. Elena, no momento da brincadeira, beijava a boneca no rosto, no peito, nas costas e na barriga. Logo em seguida, a cena muda e é a boneca que passa a beijar Elena no rosto, lábios e barriga. Segundo o psicanalista Nasio (2007), a menina, que está no momento edipiano, através das brincadeiras com a boneca, desempenha dois papéis diferentes. A menina repete com a boneca a mesma relação que tem com a mãe, identificando-se em um momento com a mãe e no outro com a boneca, a filha. Em outra cena do livro, vemos Elena brincando de regar a mãe e a boneca com a água do mar, o que parecia gerar na filha e na mãe um sentimento de prazer. Como nos mostra a teoria freudiana, a ligação entre mãe e filha no primeiro momento do complexo de Édipo é intensa e apaixonada, ou seja, a mãe tanto para meninos

quanto para meninas é seu primeiro objeto de amor. Em um segundo momento é que, para as meninas, a mãe ocupa o lugar de rival. A psicanalista Malvine Zalcberg (2003), em seu livro, que se apresenta como bússola para que possamos entender um pouco mais sobre a complexidade da relação mãe-filha, assinala que a maternidade não é algo natural, bem como a feminilidade, mas que se constrói no uma a uma, nos encontros e desencontros entre mãe e filha.

No livro *O peso do pássaro morto*, da escritora Aline Bei, encontramos uma obra literária escrita em forma de poema, cujo personagem é uma mulher sem nome. A história dessa personagem será contada dos 8 anos até os 52 anos de idade. A autora retrata primeiramente a infância da mulher, uma criança ingênua de 8 anos que está em contínuo estado de descobrimento. Porém, aos 8 anos, sua melhor amiga morre e ela terá dificuldades para entender e fazer o luto dessa morte. Já na juventude, acaba sofrendo a perda da virgindade de forma brutal, sendo estuprada pelo namorado. Aos 18 se torna mãe, ao ter um filho fruto da violência sofrida, acarretando a perda de sua juventude. Essas perdas trágicas parecem transformar a personagem em uma mulher melancólica.

No texto *Luto e Melancolia*, escrito por Freud (1917/1996), encontramos uma distinção entre luto e melancolia. O luto seria a reação frente à perda de uma pessoa querida ou algo abstrato como um ideal, a pátria ou a liberdade, que acaba gerando no sujeito um estado de ânimo doloroso, de modo que este chega a perder seu interesse pelo mundo externo. No poema de Aline Bei, vemos que sua personagem ainda criança sofre com a morte da amiga de escola. A menina não consegue entender como a amiga morreu e busca a resposta através dos adultos a fim de lidar com esta perda tão marcante para ela.

Diferente do luto, que é um processo normal de elaboração de uma perda, na melancolia há um desânimo profundamente doloroso, que suspende o interesse do sujeito pelo mundo externo. Ele perde a capacidade de amar por causa da perda da capacidade para realização e pelo rebaixamento da autoestima, levando-o a autorrecriação e punições contra si mesmo. Voltando ao livro de Aline Bei, encontramos na personagem feminina uma melancolia que marca uma dor de existir; ela está sempre triste e solitária, devido as perdas tão particulares que teve, criando um catálogo de dores agudas e mal elaborados. A personagem, ao ter que lidar solitariamente com a perda da amiga de infância, com a violência sexual sofrida e a com a maternidade decorrente do estupro, entra em uma depressão pós-parto, que define como “*isso é tristeza pós-parto, seu corpo fez muita força, mas deus é grande, essa dor passa rápido...*” (Bei, 2017, p. 65). Porém, essa dor não passa, arrastando a personagem para a melancolia com a presença de pensamentos suicidas: “*...um morto está morto. Não há urgência que o faça levantar ou ser triste tampouco alegre, é o nada absoluto que me soa como belo, e se eu me matasse?*” (Bei, 2017, p.77). A obra literária da escritora Aline Bei, leva-nos a ricas interpretações psicanalíticas a respeito do luto mal elaborado e dos efeitos psíquicos das palavras não ditas.

E, por último, mas não menos importante, temos a obra literária *Tudo é Rio* da escritora Carla Madeira, que conta uma história baseada em um triângulo amoroso entre Lucy, Venâncio e Dalva. Com uma escrita poética, a autora parece brincar com as palavras, revelando uma linguagem particular e fluida. No livro, a personagem Lucy é uma prostituta muito famosa na pequena cidade em que mora. Ela é uma mulher sem pudor, provocativa e corajosa, que acaba levando os homens de sua

cidade à loucura — menos um: Venâncio. Homem bruto, Venâncio, frequenta o bordel para se esquecer de Dalva, sua mulher. Porém, escolhia sempre uma prostituta qualquer, menos Lucy. Isso gerou em Lucy uma obsessão por Venâncio, que ousava em não a desejar. Dalva, mulher sofrida, guardava no peito a violência sofrida por seu marido, a qual resultou na “perda” do seu filho. Venâncio e Dalva formavam o casal perfeito, até que, movido pelo excesso de ciúme ao ver seu próprio filho mamando no seio de sua esposa, Venâncio é tomado por uma fúria tão grande que acaba agredindo o filho e a esposa. O que resultou na suposta morte da criança (próximo ao final do livro, o leitor acaba descobrindo que o filho conseguiu ser salvo e foi criado longe dos olhos de Venâncio, retornando um pouco mais crescido para o convívio junto à comunidade).

Em *Tudo é Rio*, a autora traz o personagem Venâncio como um homem explosivo, ciumento e rude, pois sempre agia de modo agressivo com todos os homens que se aproximavam de Dalva. No texto *Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens*, Freud (1910/1996) revela que a escolha de objeto amoroso masculino e o valor da mulher serão determinados pela integridade sexual, ou seja, a mulher casta é um objeto de supremo valor para um homem. Para Freud, essas mulheres são vistas como as únicas que se pode amar, ocorrendo uma autoexigência de fidelidade, que cada vez é mais intensificada com extrema nitidez, acarretando um caráter compulsivo do amante pelo amado.

Também se pode destacar no livro de Carla Madeira a importância do trabalho do luto para a elaboração das perdas sofridas e dos efeitos psíquicos da agressividade, que pode se manifestar de diversas formas, como o ato mais cruel contra o próprio filho recém-nascido. Para Freud, a agressividade não se restringe somente à relação do sujeito com o outro. O autor defende que:

a agressividade circula no campo do sujeito de diferentes maneiras: masoquismo e autodestrutividade, sadismo e destrutividade, e ainda nas relações agressivas estabelecidas entre as diferentes instâncias psíquicas (Birman, 2006, p. 365).

Desse modo, podemos entender a violência de Venâncio com a mulher e com seu filho pela via de um alto nível de descarga pulsional, que é da ordem da pulsão de morte desfusionada da pulsão de vida; bem como devido ao baixo nível de simbolização psíquica do personagem, descrito como um homem rude, de poucas palavras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada dos livros apresentados evidencia o quanto a literatura, os poemas e a arte ensinam à psicanálise. Os escritores, em seu processo de criação artística, buscam, através da escrita, encontrar alguma nomeação, simbolizar algo do real — instância psíquica, definida pelo psicanalista Jacques Lacan como o impossível de dizer, como o que resta da operação simbólica.

Para a psicanálise, o poeta, parecido com a criança, brinca com as palavras ao criar um mundo de fantasia carregado de afeto, no qual a linguagem manterá uma conexão entre a brincadeira infantil e a criação poética. A fantasia está ligada

ao desejo e é uma tela protetora em relação ao real, que possibilita o contato com o outro, o laço social. Para a psicanálise a fantasia é a matéria-prima da criação literária dos poetas, que tem efeitos tanto para aquele que escreve quanto para os sujeitos que lêem.

Como vimos no presente artigo, a fantasia da escrita literária se coloca como um recurso para elaborações simbólicas frente ao real. Desse modo, pode-se observar, a partir da investigação psicanalítica de livros escritos por mulheres, que a escrita pode funcionar como meio de elaboração psíquica para o sujeito em relação aos traumas inconscientes e acontecimentos mal elaborados. Assim, a construção de um saber-fazer com as palavras possibilita que o sujeito, através da escrita, faça borda ao real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BIRMAN, Joel. Arquivo da agressividade em psicanálise. **Nat. hum.** São Paulo , v. 8, n. 2, p. 357-379, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 nov. 2023.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. Tradução Marcello Lino. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

FREUD, Sigmund. **Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens**. ESB. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1910].

_____. **Totem e tabu**. ESB. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1912-1913].

_____. **Luto e melancolia**. ESB. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1917].

_____. **A dissolução do complexo de Édipo**. ESB. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1924].

_____. **A questão da análise leiga**. ESB. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1926].

_____. **Sexualidade feminina**. ESB. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1931].

MADEIRA, Carla. **Tudo é rio**. – 15°. Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2023.

MENDONÇA, Júlia Reis da Silva. A droga como um recurso ao mal-estar na civilização. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 17, n. 2, p. 240-260, ago. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 nov. 2023.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RABELO, Fabiano Chagas; MARTINS, Osvaldo Costa; MARTINS, Karla Patrícia Holanda. O tratamento da fantasia na escrita literária de Pamuk. **Estud.Psicanal.** Belo Horizonte, n.51, p. 47-61, jun. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372019000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 nov. 2023.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução J. B. de Mello e Souza. Versão eBookBrasil.com/Exilado. Fonte digital. Clássicos Jackson, vol. XXII.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. **Psyche (São Paulo)**. São Paulo, v.9, n.16, p. 115 – 132, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 nov.2023.

ZALCBERG, Malvine. **A relação Mãe e Filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.